

MANEZÊS E MANEZINHO: MUTAÇÃO DA FALA E DA IDENTIDADE  
(MANEZÊS AND MANEZINHO: CHANGE IN SPEECH AND IN IDENTITY)

Cristine Görski SEVERO (PG – UFSC)

*ABSTRACT: In this paper I discuss the interconnection between identity and language, considering that the changes in language also happen in terms of identity, what allows us to think that we can not analyse these two aspects without the perception of a dynamic and moving reality.*

*KEYWORDS: identity; language; change.*

### 1. Introdução

Neste trabalho trato da identidade do nativo da ilha de Santa Catarina, o comumente chamado “manezinho da ilha”, enfatizando o viés lingüístico da questão ao discutir aspectos concernentes a sua fala, popularmente conhecida como “manezês”: um dialeto característico da ilha e que, ultimamente, tem sido mais facilmente encontrado em alguns pontos geográficos específicos, embora os residentes nativos estejam presentes em quase toda a ilha. Foram analisadas 12 (doze) entrevistas realizadas com moradores nativos da Barra da Lagoa<sup>1</sup>, com controle de diferentes características sociais (sexo, idade e escolaridade)<sup>2</sup>, buscando identificar, na fala dos entrevistados, indícios da relação entre identidade e língua, visto que “a identidade de um indivíduo se constrói na língua e através dela. Isso significa que o indivíduo não tem uma identidade fixa anterior e fora da língua”. (Rajagopalan, 2001: 41).

O “manezinho” do interior da ilha apresenta uma fala acentuadamente marcada em relação a dos turistas que freqüentam a região e mesmo em relação a do manezinho urbano (embora em menor intensidade), distinguindo-se em termos de pronúncia, ritmo de fala ou mesmo de expressões utilizadas. Por esse motivo, a diferença assume, muitas vezes, a forma de preconceito, fazendo com que nativos e turistas assimilem e demonstrem atitudes de exclusão e desrespeito em relação ao falar “mané”. Neste artigo, algumas questões discutidas são: Quem é este que fala o “mané”, ou seja, quem é o manezinho da ilha? De que maneira a fala e a identidade estão mutuamente implicadas?

---

<sup>1</sup> Região tipicamente de pescadores, localizada à leste da ilha.

<sup>2</sup> Tais entrevistas foram gravadas em 2000 e estão disponíveis em fita cassete no Projeto Varsul/UFSC.

## 2. Identidade

A abordagem da identidade, aqui proposta, não pressupõe homogeneidade e estabilidade; antes, considera-se que o processo de constituição da(s) identidade(s) “se configura mais como uma arquitetura móvel e multidimensional do que uma consistência interna, ou um todo heterogêneo, mas de contornos definidos e estáveis, ou mesmo uma trajetória ou forma de permanência no tempo” (Signorini, 2001: 336). Em outras palavras, de acordo com Rajagopalan, “A identidade individual como algo total e estável já não tem nenhuma utilidade prática num mundo marcado pela crescente migração de massas e pela entremesclagem cultural, religiosa e étnica, numa escala sem precedentes” (2001: 40).

Nesse processo de constituição de identidade, o papel da língua é primordial, visto que os sujeitos são produzidos na/pela língua(gem): “a língua, enquanto prática de fala, cria e identifica o pertencimento ao grupo social” (Jupp, R. e Cook-Gumperz *apud* Penna, 2001: 99). Quanto a isso, enfatizo mais o caráter mutante da língua(gem), em oposição a uma visão da mesma como estática e invariável. É a essa concepção de linguagem que coloco a noção de identidade: língua(gem) e identidade são tomadas como estando na mesma espessura, ou seja, uma não determina a outra, mas há uma implicação mútua entre ambas.

Creio que o processo de mutação não deve estar associado à perda de uma certa pureza da identidade em função de uma mistura, mas que a heterogeneidade é constitutiva da identidade e da língua(gem), nem que seja pela diferença: para não ser o que o outro é. É na relação com outros modos de fala, costumes, crenças, que um determinado grupo se configura com certas especificidades, ao não ser o que o outro é. Nessa medida, o outro está completamente implicado no processo de constituição da identidade.

Para fins deste trabalho, faço uma leitura do “outro” como os grupos com os quais o manezinho se relaciona (o manezinho urbano, os turistas e os novos residentes da ilha, vindos de outros estados). É em relação a eles que o nativo se constitui como tal e que o conflito surge quando, por exemplo, eles passam a ser culpados pela perda da identidade do manezinho (o que passa pela suposta “perda” da fala típica desse grupo).

Para refletir sobre esse conflito entre o mané e os “outros”, remeto-me à leitura de Edward Said sobre *Cultura e Imperialismo* (1999). Não se trata de pensar os manezinhos de um lado e os grupos diversos de outro, sendo esses responsáveis por uma perda da identidade daqueles; nem tampouco de achar que realmente exista uma essência da identidade do manezinho ou que exista algum culpado pela suposta perda dessa essência. Trata-se de refletir sobre a maneira pela qual a relação entre esses grupos, possível pela linguagem, produz não apenas a identidade do manezinho, mas também a identidade desses mesmos grupos. No dizer de Said: “a questão é que nenhuma identidade pode existir por si só, sem um leque de opostos, oposições e negativas: os gregos sempre requerem os bárbaros, e os europeus requerem os africanos, os orientais etc. Sem dúvida, o contrário também é verdadeiro.” (1999: 88).

É nessa perspectiva que penso os grupos “estrangeiros” como constitutivos da identidade, do processo de mutação da fala e da identidade do manezinho. E isso, por certo,

cria um efeito sobre esses grupos, constituindo-os também de uma determinada maneira. O sintoma que aparece como retrato desse processo são as dicotomias, as ambigüidades, a flutuação, a batalha, por exemplo, entre uma identidade “pura” do manezinho e uma outra que nega essa mesma identidade. Considerando o fato de “a própria língua em si ser uma atividade em evolução” (Rajagopalan, 2001: 41), isso implica que a identidade também passa por esse mesmo processo – de mutação. Portanto, trata-se de uma batalha que ora resiste a esse processo e ora o ignora; e isso é simplesmente perda de tempo e ignorância política. Por que não se deixar levar?

### 3. A identidade do Manezinho

A questão que surge é: de que maneira a identidade “mané” continua o seu processo de constituição, levando em consideração os diferentes grupos que ultimamente começam a fazer parte do cenário florianopolitano, com suas peculiaridades econômicas, políticas, sociais e lingüísticas? O quanto essa identidade “mané” tem sofrido variações e mudanças devido, inclusive, ao preconceito em relação a sua forma tão própria de falar, uma vez que “é principalmente no uso da linguagem que as pessoas constroem e projetam suas identidades” (Maher, 1998: 117).

O “mané” se constitui a partir de sua relação com diferentes e variados grupos, que já existiam ou passam a existir no contexto da ilha, nos últimos anos – são eles moradores nativos urbanos, pessoas de outras cidades (principalmente de SP e RS) que vêm em busca de melhores condições de vida, turistas os mais variados. Entretanto, como veremos a seguir, a relação do manezinho com os turistas e com ele próprio é recheada de ambigüidades e contrastes, retrato, talvez, da paisagem, ao mesmo tempo “edificada e verde”, de Florianópolis.

É possível perceber nas falas dos manezinhos (nascidos na ilha e filhos de pais também nativos) atitudes que variam entre dois pólos – o de se sentirem humilhados / envergonhados e o de se sentirem orgulhosos em relação à identidade que possuem. Essas atitudes se expressam no comportamento lingüístico e envolvem a relação do manezinho do interior da ilha com, pelo menos, quatro grupos: manezinhos do interior da ilha; manezinhos do centro urbano; turistas; novos moradores oriundos de outras cidades ou estados. Para muitos dos entrevistados, os dois últimos grupos citados exercem uma grande influência nas mudanças que têm ocorrido tanto na fala quanto na identidade dos nativos:

*A culpa é do turista, é claro. Se você perguntá pra mim se eu sei um pouco de casteliano, eu não sei falá, mas sou obrigado a puxá um pouco de casteliano até pra atendê-lo, porque se não vai chegar no casteliano na Barra da Lagoa como vai alugar a sua própria casa? (...) Você, por si só, se entra na sala de aula acaba vivendo o dia-a-dia e aprendendo, né, a cultura dos outros estados, outros países (...) Então a sensibilidade da saída do linguajar do manezês açoriano acabou em função da presença de pessoas de outras*

*culturas, de outros estados, de outros países, que tivemos que praticar aquele ato de linguajar dele pra dar uma atenção pra ele.*

(Trecho de entrevista – Varsul – SN, 42, M, primário)

É enquanto imerso nessa relação com grupos variados, relações essas possíveis pela linguagem, que o manezinho vai tendo sua identidade constantemente reconstruída, já que identidade pode ser vista como um “construto sócio histórico por natureza, e por isso mesmo, um fenômeno essencialmente político, ideológico e em constante mutação” (Maher, 1998:117). A relação do manezinho com o turista também apresenta características de ambigüidade – ora ela se apresenta como um traço positivo, algo a motivar um certo orgulho de ser manezinho, ora essa questão é vista com um certo desdém:

*Tem o turista que fica, vem e fica 15 dias, um mês e vai embora, que utiliza teu espaço, que suja, ou sei lá, que usa indevidamente, né, porque a maioria das vezes é um povo que não tá nem aí ...*

(Trecho de entrevista – Varsul – C, F, 2º grau)

*(...) mas o que importa é a hospitalidade que o nosso povo da Barra da Lagoa recebe os irmãos turistas (...), mas a hospitalidade e simplicidade é que causa admiração no nosso turista e faz com que ele volte no próximo ano. É motivo de orgulho, porque ainda se fala o manezês (...)*

(Trecho de entrevista – Varsul – SN, 42, M, primário)

Os pólos vergonha-orgulho mostram uma certa contradição encontrada na fala dos entrevistados. Muitas vezes um mesmo falante define essa identidade como algo positivo (motivo de orgulho) e negativo (motivo de vergonha).

Além dessa relação entre orgulho-vergonha, é notável a relação que muitos trazem na sua fala entre passado-presente. Algo como um passado dourado, momento que retrataria a “verdadeira” identidade do manezinho; e o momento presente, que se caracteriza por uma certa “corrupção” dessa verdade e perda de alguma forma de identidade. Certamente que essa relação com um passado tem a ver com uma tentativa de busca das “raízes” da identidade do manezinho, visto que “todo homem tem uma raiz pela sua participação numa coletividade que conserva vivos alguns tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro” (Bosi *apud* Penna, 2001: 93). Nesse sentido, talvez valha refletir sobre a relação entre o “desraizamento” e contato com novos grupos, dentro de um processo de mutação. Até que ponto novos contatos (inclusive lingüísticos) criam condições para uma mudança de identidade, mesmo que o espaço geográfico (aparentemente) se mantenha o mesmo? Não é, simplesmente, por efeito de migração que uma mutação surge, mas por efeito de contatos entre grupos variados, num mesmo local.

No trecho que segue, a relação passado-presente fica evidenciada pelo fato de um local ter sofrido influências de turistas e outras pessoas e ainda manter algo de “primitivo”,

“intocado”, algo como um “manezinho puro”, que não se corrompeu por outros, no decorrer do tempo.

*(...) se tu vai pro interior do Ribeirão da Ilha, onde lá, onde lá não chegou, lá tu vai encontrá o manezinho típico, que pouca influência tem desse mundo que tá (...)*

(Trecho de entrevista – Varsul – C, F, 2º grau)

#### 4. O lugar do preconceito

A relação orgulho-vergonha, no seu segundo aspecto (de se sentir humilhado), traz um conteúdo de preconceito muito forte, que aparece na fala do manezinho em relação a si mesmo, no que diz respeito a sua linguagem ou mesmo aos seus costumes, tradições e estilo de vida.

*(...) meu linguajar não traz aquele traço da nossa cultura, do nosso linguajar cantado (...) aquele que fala oi, oi, o coitado, aquele né*

(Trecho de entrevista – R, 40, F, primário)

Tantas mudanças são vistas no estilo de vida, nas formas de vestir, na alimentação, na geografia e, sobretudo, na fala! Quantas vezes não se ouviu ou se falou coisas do tipo “é uma pessoa interessante, mas quando abre a boca...” (crítica direcionada menos à capacidade intelectual e mais à própria fala da pessoa). É assim que os preconceitos se impregnam de tal maneira na mentalidade dos indivíduos que as atitudes preconceituosas se tornam parte integrante do nosso próprio modo de ser e estar no mundo. E o tipo mais trágico de preconceito “não é aquele exercido por uma pessoa em relação a outra, mas o preconceito que uma pessoa exerce contra si mesma” (Bagno, 2000: 75).

*Antes ele vivia numa comunidade onde todos dançavam a mesma música, né, agora não, agora vem uma que fala um pouquinho mais bonito, que fala umas palavrinhas que eu não entendo, mas que eu digo sim (...)*

(Trecho de entrevista – C, F, 2º grau)

#### 5. Considerações finais

Definitivamente, não podemos cair na interpretação ingênua de que de fato existem os “eles” que estão ameaçando a pureza da identidade e da fala do nativo, ao terem “invadido” a ilha, sendo seduzidos pela beleza geográfica e pela oportunidade de uma vida mais “saudável”. Não cabe entrar na discussão de quem estaria correto ou de tentar criar planos de proteção da fala e da identidade mané. Não quero dizer com isso que um empenho nessa direção não valha, mas há que se manter em mente um olhar sobre a realidade: ela não

é estática e homogênea! De fato, grandes mudanças ocorrem no contexto atual e não é possível ignorar a relevância das transformações para uma compreensão mais apurada de identidade e língua(gem). Tentar cristalizá-las é tolice: um empenho completamente imperialista e ditador; acreditar que uma língua/identidade são passíveis de serem protegidas de misturas e mutações não significa um empenho em manter a pureza delas (isso é impossível!), mas sim que as relações com outras línguas e identidades são apagadas, ou seja, ignora-se os “outros” e, mais que isso, ignora-se o papel da relação com eles na sua própria constituição. Por fim, ignorar a mutação da identidade e da língua significa estar cego para as questões políticas que estão diretamente implicadas nisso e que são, sobretudo, constitutivas desse processo.

*RESUMO: Neste artigo discuto a inter-conexão entre identidade e linguagem, considerando que as mudanças na língua também ocorrem em termos de identidade, o que significa que não é possível analisar esses dois aspectos sem a percepção de uma realidade dinâmica e mutante.*

*PALAVRAS-CHAVE: identidade; língua; mudança.*

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAGNO, Marcos. *Preconceito Lingüístico*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- MAHER, Tereza Machado. Sendo Índio em Português... in SIGNORINI, Inês (org), 1998.
- PAGOTTO, Emílio Gozze. *Variação e/é identidade*. Campinas: UNICAMP, 2001. Tese de doutorado.
- PENNA, Maura. Relatos de migrantes: questionando as noções da perda de identidade e desenraizamento. in SIGNORINI, Inês (org), 1998.
- RAJAGOPALAN, Kanavilil. O Conceito de identidade em Lingüística: É chegada a hora para uma reconsideração radical? in SIGNORINI, Inês (org), 1998.
- SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- SIGNORINI, Inês. (Des) construindo bordas e fronteiras: letramento e identidade social. in SIGNORINI, Inês (org), 1998.
- SIGNORINI, Inês (org). *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas, SP: Mercado de Letras; SP: FAPESP, 1998 (Letramento, Educação e Sociedade).